

O Trans-dizer Llansoliano - cruzamento e convergência de perspetivas

Ângela Lacerda Nobre

A tradução reinventa-se em Llansol através da sua leitura da realidade, tal como esta se lhe manifesta, isto é, num esplendor que eleva ao máximo este mesmo potencial de manifestação. Daí o desafio, e a urgência, de abrir caminho e de divulgar este magnetismo da linguagem Llansoliana.

O que tem de ser dito, tem de ser dito rápido: precisamos de Llansol.

Literatura, arte, criatividade, intuição, perspicácia, inspiração, capacidade de inovar, sim, tudo isso faz parte. Faz parte da bagagem cultural de qualquer época histórica.

Mas não é disso que se trata. Trata-se da penumbra do dinamismo da própria realidade. É uma brisa suave. É algo que se cola à pele. Fútil, irrecusável e inalienável. Superficial porque cada gota de água já transporta todo o oceano. Assim, basta-nos respirar, inspirar, expirar, introjetar, projetar.

Lusco-fusco – claro-escuro, as cores esbatem-se, as silhuetas confundem-se, adivinham-se padrões, estruturas, modelos e referências.

Ritmos, modalidades, granularidades, variações sobre um mesmo tema, estilos. O estilo é um conceito que permite identificar a diversidade na unidade. O estilo permite a diferenciação. E a criação da diferença é ela própria o aprofundamento do que é universal. Quando algo é único, espontâneo, algo que brota com força própria, como um momento criativo, então deslumbra-se o que é universal. Daí as obras-primas serem intemporais. Daí o sexo masculino ou feminino serem algo que permite evolução, pois é uma diferenciação que se aprofunda, tornando cada indivíduo mais si próprio, mais único, singular e universal. Se Llansol retrata um ser masculino ou feminino, aprofunda a sua masculinidade e feminidade, tal como o faz a vivência de uma relação profunda.

E o que tem de ser dito, sobre a urgência de dizer Llansol, pode ser dito rápido? O tempo compactado. O espaço-tempo. O acontecimento. O acontecimento inaugural. Elencar, nomear, estruturar, hierarquizar, o que tem de único a obra Llansoliana e porque é uma obra-prima da literatura universal.

Talvez seja o conceito Llansoliano de *trans-dizer* aquele que melhor capta a importância da obra para o quotidiano actual. Na tarefa de traduzir outros autores, Llansol ultrapassa-se.

Parte da osmose com os autores para outras dimensões, transmutando-se, numa troca intertextual, segundo as palavras de João Barrento: “dando corpo a um eterno retorno do outro no mútuo”. É um trabalho que “arrasta consigo mundos, uma ressonância osmótica” – um salto no escuro, uma confiança e abertura à vida, à realidade e a tudo o que esta transposta.

A criatividade de Llansol apresenta-se de forma única e radical, com um poder, uma força e um dinamismo contagiante. Mas esta perplexidade perante uma força viva que se desenrola sob os nossos olhos não está ali para nos deixar esmagados, acomodados a uma posição de meros espectadores. Tal não pode estar mais longe da verdade. Da mesma forma que a obra de Llansol é densa, difícil de entrar, intensa de significados, exigindo treino e abertura de espírito, também está repleta de momentos de júbilo, de chamadas encantadoras e cativantes que nos despertam, acordam e desinstalam. Esta criatividade apresenta-se-nos como um convite e um movimento de mobilização. Não é uma obra acabada, fechada, completa, arrumada mas sim algo em aberto, uma porta aberta à realidade.

A diversidade de áreas de interesse percorre a vida em sociedade no seu sentido mais profundo de comunidade de viventes, pelo que o mundo político, no mais nobre sentido da palavra, nos interpela profundamente. Não num sentido único e descodificado, decifrado, mas no sentido de chamar a atenção para as infinitas virtualidades da realidade, para as subtilezas da experiência humana, e para dinâmica que nos percorre a todos. É aqui que é imperativo parar, é nesse ponto de hesitação, de perda de equilíbrio momentânea que temos de parar e dizer: não percebo, não consigo acompanhar, não estou a seguir este raciocínio, mas... algo se desvela, algo inquieta, algo suscita a atenção e prende o olhar, e é aí que importa avançar, não para reter o momento, mas avançar na abertura e na capacidade de ousar, de experimentar, não as dificuldades do texto mas as das perplexidades da vida. É na vida que Llansol nos lança. É na vida que Llansol faz de nós todos iguais. Iguais e diferentes, únicos e universais. Mas a criatividade de Llansol não está ali para que a idealizemos e a coloquemos numa torre de marfim. Está ali para que vejamos como uma vida se desenrola, como aquilo que nos caracteriza, que caracteriza todo o ser humano se manifesta ali, e para que neste mostrar se evidencie o seguinte: aquela vibração, crepitar da criatividade que vemos em Llansol é algo que está presente em todos nós. Esta é uma constatação forte, uma mensagem de acção, de mobilização e de força. Força de quê e para quê? Para a vida, para o concreto da realidade, para a abertura ao novo e ao que é sempre diferente em cada dia que começa.

Doze passos para capturar o segredo llansoliano - é uma proposta possível:

- I - A contemporaneidade
- II – A escolha
- III – O mundo
- IV – O outro
- V – O iluminismo
- VI – A teologia marxista
- VII – A fenomenologia radical
- VIII – O dialogismo
- IX – A acção
- X – A técnica
- XI – A desconstrução
- XII – A ironia

I - A contemporaneidade

A contemporaneidade não é um período cronológico bem definido. É antes uma forma de caracterizar uma época. Por sua vez, estas características identificadoras podem encontrar-se noutras épocas embora não como características diferenciadoras. É um conceito semelhante ao das ideias eternas de Platão. Para Platão, só nos é possível pensar numa abstração perfeita. Perfeita não no sentido moral, pelo que para um criminoso a sua ideia de crime será a de um crime perfeito. Seja o que for que pensemos será perfeito, um ideal universal. A ideia de cão, é o cão ideal, perfeito e universal. Como sabemos se é o mesmo ideal que todos estamos a pensar? Não sabemos, não é essa a questão, a questão é a de que há um critério de valor, uma axiologia, uma busca de valor que abre sempre a um valor maior. Por esta mesma razão cada época faz a sua história, cada época olha, lê e interpreta a realidade passada à luz dos padrões de interpretação vigentes a partir do ponto de onde se faz a leitura. Daí a importância do conhecimento transcisciplinar, aquele, por excelência, que permite ultrapassar barreiras, fronteiras e fazer pontes. De todas as formas de conhecimento é o conhecimento sobre a questão do ser, presente em toda a realidade, que coloca maiores questões e interpelações. Estas questões estão presentes de forma espontânea no nosso quotidiano e assumem a forma de intensidade e de autenticidade perante a vida, própria e a dos outros. Na sociedade do conhecimento a confiança é tida

como a moeda de troca, precisamente porque o explícito, o conhecimento formatado não é suficiente. Assumindo este pressuposto, só é possível criar, gerar confiança a partir da autenticidade, de um trabalho genuíno. A obra de Llansol é intemporal pois permite reconhecer este padrão de inovação. Mais ainda, há hoje modelos de negócio que estão a tentar pôr em prática esta forma de actuação, gerando confiança e promovendo a partilha de conhecimento e a colaboração. Assim, a ideia do ser, liga-se aos conceitos de intensidade e de autenticidade. A teoria das ideias de Platão permite apontar para a possibilidade de mais valor, de aspirar em contínuo a algo ideal. E a transdisciplinaridade permite entender a importância da confiança, como moeda de troca, e do desenho de modelos de negócio a partir destes pressupostos. Esta não é uma descrição utópica, desejável. É antes a interpretação de algo que já está aí, presente, no quotidiano. Tal como com a obra de Llansol: ela apresenta-se-nos na intensidade e autenticidade plena da vivência, da existência, transmitindo confiança e permitindo a cada um de nós a aspirar a mais alto.

II – A escolha

A escolha é assumida como critério de sofisticação e de progresso das economias ditas avançadas. A possibilidade de escolher entre diferentes marcas comerciais é o exemplo referido para ilustrar a importância da escolha. Mas a teoria económica neoclássica baseia-se nos pressupostos da sociedade industrial, quando a realidade se transformou, estando em fase de transição. Surge a realidade pós-industrial, a qual se afirma de forma gradual e põe em causa muitos dos pressupostos da fase anterior. Em economia neoclássica, a própria ciência económica é definida como a forma de alocar recursos escassos para satisfazer necessidades ilimitadas. Contudo as teorias sobre a sociedade programada, de Alain Torraine, já de 1970, ou da sociedade do conhecimento e das redes, de 1990, causaram grandes polémicas. Se o conhecimento ganha mais valor quanto mais é usado, então inverte-se a lógica convencional e afirma-se que existe uma abundância de recursos disponíveis e que as necessidades é que são limitadas, repetitivas e facilmente manipuláveis. Nesta perspectiva, o conceito de escolha não é o de marcas comerciais mas sim de grau de exigência em termos de capacidade de lidar com o que já é dado, gratuito, que faz parte de toda a realidade, que se oferece em contínuo. É aqui que Llansol se demarca, não explicitamente discutindo teses económicas mas demonstrando que assim o é, e, neste caso, basta que seja verdade para um exemplar singular duma população para que o seja para todos, pois é a possibilidade que conta, o provar que é possível. Outros nomes podem ser referidos: Lispector, Arendt e Hillesum. Em todas estas mulheres, incluindo Llansol, se prova algo inaugural, único. Para elas, a escolha, era uma assunto importante e delicado, ao qual dedicavam grande atenção. Sabiam que se não fossem elas

a escolher, que alguém o faria por elas. E não se permitiam deixar-se manipular e formatar. Mantinham, ferozes, a sua convicção de independência e de espírito livre. Cada época demarca-se por estas figuras emblemáticas que congregam inúmeras novidades obrigando a própria época a avançar e a sair do seu casulo.

III – O mundo

Quando a individualidade e a subjectividade são realçadas, ou quando se aponta para a importância das relações humanas e da intersubjectividade, está-se a pressupor algo que lhes precede: a ideia de mundo. Esta cosmovisão não é uma descrição, um elenar do que se entende pela realidade que nos envolve e da qual fazemos parte. É o conceito de mundo grego, a ideia que revela a forma como funcionamos, o nosso padrão de funcionamento. Este mundo é criado a partir do mundo relacional, é certo, das relações estruturantes que moldam o barro, que malham o ferro quente. Mas este mundo ganha vida própria e cria mecanismos de auto-sustentação. Numa sociedade em que se alimenta uma cultura de morte e se cultiva a violência, esta ideia de mundo fica reduzida ao mínimo, não tem horizontes largos, nem se arrisca em florestas densas, em águas caudalosas e turbulentas nem em oceanos profundos. Llansol não se deixa intimidar por estas pressões externas e cultiva à exaustão a sua capacidade de ser criativa. Llansol abarca o acontecimento, cada momento único, cada aqui e agora, como uma porta sempre aberta a novos recomeços. Assim, o conceito de espaço-tempo ganha novos contornos e dimensões. Para Bergson, não é suficiente referir-nos ao tempo cronológico, sequencial, marcado pelo momento discreto de cada momento. Daí a proposta de Bergson de *durée*, de duração, para captar o processo em si. E é isto que é possível vermos na obra de Llansol, esse processo a desenrolar-se, a ganhar forma, a definir contornos e a abrir caminho.

IV – O outro

O conceito de outro, da alteridade, é um conceito radical pois permite identificar as nuances do dinamismo em curso na vida de cada um. Este conceito é ainda mais radical quando tomado a partir duma perspectiva não-antropocêntrica. Assim, é nesta sopa de letras que é o processo de criação de sentido que se inscreve a ideia de outro aberta a toda a realidade. Jade, o seu cão, é para Llansol um personagem significativo. Mas a questão não é se é cão ou gato mas sim como a realidade nos condiciona e como nós condicionamos a própria realidade a partir do ponto onde nos inscrevemos. Karl Jaspers usa os conceitos de possibilidades de acção e possibilidades de pensamento para caracterizar este fenómeno. Jaspers baseia-se na leitura histórica de Max Weber, que identifica acontecimentos como a Revolução Francesa como partilhando semelhanças com outros locais da época, e procura explicar porque se deu ali a revolução e não noutra local. Para Jaspers, em contínuo, vamos

sendo determinados por factores que são eles próprios passíveis de ser modificados por nós. Estes factores possibilitam, permitem, certas formas de acção e de pensamento e não outras. É neste sentido que podemos realçar a obra de Llansol como levando ao extremo as possibilidades de acção e de pensamento que estão ao seu alcance.

V – O iluminismo

O Iluminismo apresentou um ideal concreto: que a evolução da ciência estaria ao serviço do bem da humanidade. Esta ideia de bem comum e do conhecimento como processo colectivo em que o espírito científico permite renovar continuamente os saberes provisórios e permanentemente abertos ao questionamento, é uma ideia que ainda está por cumprir, pelo que o Iluminismo em si é uma promessa que está por cumprir. Contudo, apesar desta crítica, continuamos presos ao conceito, inscritos no mesmo registo do Iluminismo, afirmando que o conhecimento e o questionamento são os meios por onde se avança, mas conhecimento e questionamento de outra ordem que não a anterior. Que ordem é esta? Llansol age, move-se, nestes meios, compromete-se, suja as mãos, enterra os pés na lama. Llansol, não se prende com visões preestabelecidas, não reduz a realidade ao que se pensa sobre ela mas sim pensa a partir do que a realidade se lhe oferece. Isto é, recusa o maniqueísmo, o gnosticismo e o estoicismo, e cola-se a uma permanente abertura e capacidade de interpelação e de espanto. Espanto este porque posiciona-se numa atitude própria, específica, trabalhada em contínuo, não como esforço mas como experiência do irrecusável.

VI – A teologia marxista

A teologia marxista parece um conceito contraditório face a uma ideologia que considerou a religião como o ópio do povo. Contudo, a teologia num sentido lato, como grandes ideais e aspirações da humanidade, encontra na teoria marxista três conceitos que nos ajudam a sublinhar o carácter único da obra llansoliana. São eles o pressuposto de que as sociedades podem transformar-se, de que não são imunes à mudança; a ideia de materialismo, da concretude da realidade; e a de que a percepção que cada um de nós tem da realidade é pre-formatada por uma perspectiva ou ponto de vista que corresponde à de uma determinada ideologia burguesa, ela própria com uma visão da sociedade separada em classes sociais. Inúmeras correntes de pensamento das mais diversas áreas inscrevem-se em registos próximos deste, fazendo com que Llansol, embora não se encaixando em nenhum movimento ou escola predefinida, compartilhe aspirações que são comuns, tornando-a, assim, solidária com a contestação face a uma sociedade dominada por um pensamento monolítico e normalizador. A lista é vasta mas podem-se enumerar o realismo crítico, o pos-humanismo, as teorias femininistas, a psicanálise relacional, a semiótica social ou a economia institucionalista como exemplos de abordagens inovadoras e disruptivas.

Todas estas abordagens chamam a atenção para realidades negadas, ignoradas ou desconhecidas por parte do chamado pensamento dominante que funciona como pensamento único. Ainda, enquanto do lado do pensamento dominante a perspectiva é única, e daí seja monolítica e ortodoxa, do lado do pensamento não-dominante existe uma pulverização de abordagens, heterodoxas, diversificadas e até por vezes contraditórias entre si. Mas esta heterogeneidade revela dinamismo e pujança. Em cada época o pensamento dominante é aquele que se formou a partir das vozes dissonantes e contraditórias da época anterior. Assim, Llansol inscreve-se neste registo de alguém avançado para a sua época, absorvendo e relendo a história, interpretando o seu dinamismo mais profundo e dando continuidade àquilo que esta leitura revela como essencial.

VII – A fenomenologia radical

Llansol põe em prática os conceitos da fenomenologia dos afetos, radical, da vida, de Michel Henry. Henry inscreve-se na corrente da fenomenologia-ontológica, herdeira de Husserl e de Heidegger. Contudo, tal como Llansol, Henry desenvolve uma *praxis*, algo que vai para além da sistematização de conceitos e que atravessa áreas convencionalmente tidas como separadas e autónomas, da emoção à razão e vice-versa, num vai-vem incessante que nos permite ler, interpretar a realidade quotidiana, na sua complexidade, diversidade e multiplicidade.

VIII – O dialogismo

O dialogismo inscreve-se numa lógica de contestação, de crítica subversiva e disruptiva face ao conhecimento assumido como inquestionável. Daí a sua força e possibilidade de inscrição noutras realidades para além daquela em que foi gerado. Este conceito surge como explicação de como o género literário do romance se pode estabelecer enquanto tal, contestando, assim, a visão então consensual de que este seria uma figura menor, não comparável às formas clássicas da tragédia, epopeia ou comédia. O que Bakhtin veio comprovar é que o romance tinha mais virtualidades e era mais avançado e sofisticado do que os géneros convencionais, presos a regras pre-estabelecidas e a estruturas rígidas. O romance, pelo contrário, podia utilizar qualquer estratégia e combinar diferentes abordagens, bastando-lhe, para tal, que esses diferentes registos estivessem em diálogo, falassem a múltiplas vozes, em heteroglossia. Duma imagem pejorativa do romance, modalidade literária que teve um forte desenvolvimento no século XIX, surge no início do século XX uma visão negativa que Bakhtin contesta, elevando este género ao mais alto nível. Afinal estava acima e não abaixo dos outros géneros convencionais e isto porque não repetia o que já estava fixado previamente mas antes inovava, diversificava e trazia novas possibilidades à arte literária. Este mesmo processo é transponível para outras realidades humanas,

nomeadamente a institucional. A contestação de algo instalado e assumido como único e insubstituível é ameaçadora e perturbadora. Também a obra de Llansol o é, no sentido em que relê grandes figuras da história da humanidade dando-lhes novas interpretações, fazendo brilhar o que já lá está mas que ainda não tinha sido suficientemente acarinhado, desenvolvido, amadurecido.

IX – A acção

A acção representa para a organização humana o mesmo que a energia representa para a física. Isto é, são conceitos nucleares à volta dos quais tudo se explica e tudo se desenrola. Porque a acção de explicar está fora de questão em Llansol. Llansol não explica, demonstra, não prega, pratica. Este conceito nuclear é um processo contínuo, ininterrupto, não para nunca. A acção é um dinamismo que abre a toda a realidade, realidade esta que é movimento. Não é o ser humano que age sobre uma realidade estática e inanimada, o mundo mineral, nem que age sobre um mundo desprovido de sentido, de sensibilidade ou de emoção, o mundo animal. A acção humana é ela própria parte desse processo de manifestação de sentido a que toda a realidade é chamada, inscreve-se nela, dela participa. Ainda, dela é produto e produtor, dela recebe a para ela contribui.

X – A técnica

A técnica é dos conceitos mais ambíguos e paradoxais da contemporaneidade. Se tivermos em atenção o efeito de pêndulo, em que após uma aproximação de um extremo de um espectro, seja ele qual for, se dá um movimento no sentido contrário, podemos encontrar uma interpretação da técnica com virtualidades difíceis de encaixar numa visão convencional. Llansol escapa ao pensamento dominante, denunciando-o não directamente mas de forma subtil, desmontando-o a partir de dentro, usando a linguagem do inimigo para o vencer. Se imaginarmos o conhecimento humano como distribuído ao longo de uma escala que tem a arte num extremo e a técnica no outro, e ao longo do espectro vamos avançando no sentido do qualitativo para o quantitativo, da criatividade espontânea para a formalização, sistematização e explicitação característica da ciência, da ciência que se repete e não da ciência que se inventa, então podemos assumir que a técnica e a tecnologia são a explicitação, aplicação, concretização desse saber científico. Assim, do mundo do imprevisível e incontrolável, da experiência de excesso do extremo que corresponde ao conhecimento artístico, temos do outro lado o previsível, controlável, programável do mundo da técnica. Daí ser tão forte a crítica à tecnocracia, e à ideologia tecnocrática, por parte das correntes de pensamento das teorias sociais. Mas tudo isto se inverte nas mãos de Llansol. A Llansol nada do que é humano lhe escapa, inclusive o mundo biológico, da natureza, dos animais e das plantas, concretos, com nome e com história, e o mundo artificial, fruto da

acção humana. E se a técnica da tecnocracia do pensamento dominante e do poder instalado e inquestionado está longe da acção, a técnica do contacto com a matéria, com os materiais, as texturas, densidades e irregularidades, essa vai à frente, na ligação à prática concreta, na relação com o imediato que se desenrola sem cessar. E a Llansol nada escapa, é como se captasse uma imagem em andamento, como se imobilizasse por um instante um dinamismo em espiral, sem o conter, sem o perturbar, apenas para nos levar pela mão e dizer: vejam, olhem, não se fiquem por aí, venham, vinde e vede.

XI – A desconstrução

Não é por se terem acabado as pedras que se acabou a idade da pedra. A pos-modernidade trouxe a necessidade de pôr em causa, de questionar os lugares comuns e os pressupostos implícitos da acção humana. As duas guerras mundiais do século XX representam o falhanço absoluto das ilusões (pseudo) humanistas e da racionalidade linear e monolítica, heranças da emergência da ciência moderna dos três séculos anteriores. É nesta era de transição que o *trans-dizer* Llansolinano se inscreve. Como a outros níveis, Llansol vivencia o que outros descrevem. Dá-nos um exemplo vivo do que é a desconstrução que Derrida impõe ou a crítica social à esquizoidia da sociedade moderna de Deleuze e Guattari. Na sua obra, sem precisar de criar sistemas filosóficos, ideologias, um corpo teórico ou uma sistematização de conceitos, Llansol atravessa tudo isto apresentando-nos uma obra que desmascara, que põe o dedo na ferida, e que ignora moralismos redutores para desenrolar uma trama, um enredo que por vezes nos escapa, tal é a densidade, e por outras nos ilumina, fazendo brilhar o essencial, o fio condutor, a matriz de leitura da realidade que nos parece opaca e difusa. Nesta dificuldade de entrar na sua escrita, está também o fascínio pelo seu olhar límpido e a tentativa de fazer *free-riding*, de apanhar a boleia desse olhar, dessa abertura inspiradora e mobilizadora da acção, catalisadora do dinamismo humano.

XII – A ironia

Llansol apresenta na sua obra uma leveza ligeira, capaz de captar os espectros de luz, os aromas do entardecer e as ressonâncias musicais da realidade, que nos escapam a olho nu. A morte ou a violência e as tragédias humanas são integradas, articuladas, concebidas, desenhadas, numa palavra, *trans-ditas*. Desta forma, do absurdo faz sobressair o sublime; da barbárie, traz à superfície o processo em curso que não é cortado, a corrente vital, o rizoma, que mantém a esperança na humanidade e na sua capacidade de se reinventar. A sua leitura de Teresa de Lisieux, traz esta alegria espontânea e faz dela uma arte.

A ironia, a capacidade de se rir de si própria, o sentido de humor, explorados por Llansol, são ingredientes chave do quotidiano contemporâneo. São ferramentas cruciais no *tool-kit* que procura ultrapassar o que é imposto como peça única. “Para quem só conhece o

martelo, tudo lhe parece um prego.” Este sentido de humor complexo e subtil de Llansol aproxima-se do que se pretende obter com as abordagens holísticas. É o mesmo processo que explica que seja o curso sobre o Pensamento Positivo o mais popular da Universidade de Harvard.

A teoria dos tropos de White destaca a importância da ironia. Ao procurar explicar a evolução da humanidade, usa a metáfora como a principal forma de fazer sentido da realidade e, assim, desenvolver o pensamento, a linguagem e a acção humana. O ser humano primitivo, ao assistir a uma trovoada e ao sentir uma cólica pode dizer que tem, ou que é como se tivesse, uma trovoada na barriga. A importância da metáfora, do tropo, vem da capacidade de fazer pontes, paralelismos, de unir o que está afastado. Começa-se por aproximar o que está próximo e é óbvio, para, num processo cumulativo, embora não linear, aproximar o que está longínquo. E este processo de criação de sentido é esticado como um elástico até ao absurdo, daí a ironia. Assim, o sentido de humor será a forma mais sofisticada de criação de sentido. Llansol segue os passos de Rilke, deixando-se conduzir pelo imperativo da escrita. E Llansol ilustra a descrição de Bergson na obra deste autor sobre o riso. Llansol liga, associa, conecta, cola, pontas dispersas, que ainda ninguém juntou e, com isso, faz-nos sorrir.

Mas, mais importante ainda, se no mundo contemporâneo, nas sociedades da superabundância e do excesso de tudo, em particular da sobre-dosagem de informação, passamos de um registo de culpa e de auto-flagelação para um de narcisismo e de ego-centrismo utilitário, então será esta aprendizagem de rirmo-nos de nós mesmos e de retermos o absurdo da realidade, aquilo que de melhor nos pode trazer Llansol para deixarmos de ser sobreviventes e passarmos a ser actores, agentes plenos, cidadãos do mundo, na viagem que é a vivência individual e comunitária, plena de vida, do nosso quotidiano.